



40 ANOS DE TRANSGRESSÃO: ESTUDO DA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA A PARTIR DA OBRA *EM LIBERDADE* (1981)

Dênis Angelo Ferraz¹

Marta Francisco de Oliveira²

Resumo: Com este artigo objetiva-se uma leitura crítica biográfica fronteiriça, a partir do processo de composição literária do intelectual mineiro Silvano Santiago, em um balanço que leva em conta os 40 anos da obra *Em liberdade* (1981), para, assim, compreender como se dá nesse processo, a inserção fisiológica do próprio intelectual, e como tal compreensão colabora para a leitura de seu perfil intelectual. Neste intento pauto-me nos estudos biográficos fronteiriços, com base em pesquisa bibliográfica, engendrando reflexões angariadas por leituras de cunho descolonial sobre o fazer poético do escritor mineiro, articuladas a reflexões trazidas a partir dos processos de criação trabalhados por Santiago na publicação intitulada *Fisiologia da composição* (2020). Tais reflexões possibilitam também, a refletir sobre as características que levam o mineiro a se debruçar sobre o que vem denominando de grafia-de-vida, em vez de utilizar o termo biografia. Assim, infere-se, a partir da realidade de nossos dias, como tal pensamento reverbera hoje, 40 anos após a publicação da obra supracitada, apontando assim, como o papel do intelectual pode ser transgressor, sobretudo em épocas de autoritarismo. Para erigir tal reflexão, convoco autores que dão base conceitual à proposta, tendo a fisiologia da composição como conceito pensado como uma *escrivivência* transgressora.

Palavras-chave: Crítica biográfica fronteiriça; *escrivivência*; fisiologia da composição; grafias-de-vida; transgressão.

40 YEARS OF TRANSGRESSION: LITERARY COMPOSITION FROM THE WORK *EM LIBERDADE* (1981)

Abstract: This article aims at a critical biographical border reading, from the process of literary composition of the intellectual from Minas Gerais, Silvano Santiago, in a balance sheet that takes into account the 40 years of the work *Em liberdade* (1981). In order to understand how it occurs in this process, the physiological insertion of the intellectual himself, and how such understanding contributes to the reading of the intellectual itself, and as such understanding contributes to the reading of its intellectual profile. In this intent I focus on frontier biographical studies, based on bibliographic research, engendering reflections raised by decolonial readings on the poetic making of the writer from Minas Gerais, articulated to reflections, brought from the processes of creation worked by Santiago in the publication entitled *Fisiologia da composição* (2020). Such reflections also make it possible to reflect on the characteristics that lead the miner to dwell on what he has been calling the spelling-of-life, instead of using the term biography. Thus, it

1 Mestre – PPGEL/FAALC/ UFMS. Bacharel em Ciências Sociais - UFMS. Membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC) - CNPq/UFMS. ORCID: 0000-0001-9130-754X.

2 Doutora em Letras - UNESP. Mestre em Letras - UFMS. Professora da UFMS, campus de Coxim. ORCID: 0000-0002-5212-5361.

is inferred, from the reality of our day, how such a thought reverberates today, 40 years after the publication of the aforementioned work, thus pointing out how the role of the intellectual can be transgressive, especially in times of authoritarianism. To erect such a reflection, I call authors who give conceptual basis to the proposal, having the physiology of composition as a concept thought as a transgressive escrevivência.

Keywords: *Border biographical criticism; writing; physiology of composition; spellings of life; transgression.*

Introdução – 40 anos de transgressão

Pelo estudo da composição da obra literária. Considerada de perspectiva adjetivada por fisiológica, o corpo humano por ela e nela se motiva a fim de se exibir ao leitor como estando funcionalmente presente, e, ao mesmo tempo, desimpedido e livre no desempenho artístico.
Santiago (2020, p. 11-12)

Em liberdade (1981) é realmente exercício meu de reconstrução (em diferença) da vida e da escrita de Graciliano Ramos. Assumo respeitosamente o ‘eu’ dele como sendo meu eu.
Santiago (2017, s/p)

Com o objetivo de erigir uma reflexão acerca do discurso transgressor, pauto-me neste texto na maneira como o intelectual mineiro Silviano Santiago, ao longo dos mais de 40 anos de publicações, de obras ficcionais e teóricas, vêm moldando - consciente e intencionalmente - seu perfil intelectual. Para isto me debruço sobre seu processo de criação, denominado pelo próprio escritor como fisiologia - termo biológico e etimológico que destaca a relação/presença do corpo- da composição, remetendo diretamente à escrita literária e ensaística. A escolha dos termos para o conceito demonstra, assim, a presença do corpo (próprio), ou de corpos (próprios e alheios, mas tornados hóspedes/hospedeiros) nas composições daquele que assina um nome, uma autoria e, por consequência, sua inscrição pessoal.

Faz-se necessário compreender, na esteira da epígrafe em que Silviano Santiago comenta a respeito do processo de composição de *Em liberdade* (1981), como a escrita se torna um exercício de “reconstrução (em diferença) da vida e da escrita de Graciliano” (SANTIAGO, 2017, s/p) quando Santiago pauta sua criação em uma estratégia de recriar o corpo - físico, metafórico, epistêmico, cultural - do autor de *Memórias do cárcere* (1953). Tal corpo está repleto de dores, que se instauraram como marcas da prisão à qual fora sujeitado, de forma que a inserção desse corpo carregado de sensações no corpus do texto de 1981 provoca uma condição singular, proporcionando uma leitura fisiológica, pois tais sensações e as marcas do cárcere

influem fisiologicamente no corpo de Graciliano. Tal compreensão é o que possibilita que a leitura aqui erigida seja pautada nas semelhanças-na-diferença, visto que tal corpo corroído pela prisão traz em si sentimentos e experiências da dor, o que o faz se aproximar e se assemelhar, em muitos aspectos, aos corpos de mulheres pretas e homens pretos como eu. Nas grafias de meu aliado mineiro, semelhante às minhas escritas aqui erigidas, emergem experiências vivenciadas que moldam o próprio existir.

Eis a ideia que se torna primordial para a reflexão crítica biográfica fronteira (teorização esta cunhada pelo pesquisador sul-mato-grossense Edgar Nolasco, confluindo os estudos da crítica biográfica com estudos fronteiriços/descoloniais, sedo este, o recorte epistemológico que considera o *bios* e o *lócus* na constituição das teorizações.)³, aqui erigida, pois minha pesquisa e as reflexões pautadas a partir dela estão carregadas de sensibilidades que carrego em mim, em meu corpo preto, como grafias de minha vida e de vidas de outros que me legam/legaram a compreensão de mim, quer no que tange às sensibilidades, quer no que concerne à constituição de minha formação intelectual por meio de minhas leituras teóricas e práticas de vida. O que escrevo e produzo como crítica -e por isso transgribo as normatizações e a grafo com primeira pessoa do singular- está impregnado por meu *bios* e pelo local de onde produzo tais reflexões.

Fisiologia da composição de *Em liberdade* (1981)

Ao assumir a diferença-na-semelhança, o autor de *Em liberdade* afirma que a principal originalidade do ato de hospedar sua obra está no admirável potencial de reprodutibilidade.
Santiago (2020, p. 19)

O corpo do personagem Graciliano, no falso diário que expõe situações e eventos reais, descreve marcas sentidas e carregadas, não só por Graciliano, mas nos inúmeros corpos de homens e mulheres que foram encarcerados (as) nos vários momentos de autoritarismo e repressão causados pelo Estado, no Brasil. A própria obra em questão menciona o poeta inconfidente Cláudio Manuel da Costa, cujo falecimento ocorreu em 1789, tornado personagem da ficção, sendo que sua morte traz como pano de fundo o assassinato do jornalista Vladimir Herzog, na década de 1970. Nos dois casos, as mortes foram informadas, pelo Estado, como suicídio. Porém, vale a ressalva

3 Para melhor entendimento ver: NOLASCO. Crítica biográfica fronteira (Brasil/Paraguai/Bolívia), p. 47-63.

de que em nenhum dos dois casos a versão “oficial” convenceu a opinião pública, segundo o decorrer dos acontecimentos de suas prisões.

Marcas como essas, de negação, bem como as contradições que me oprimem, ao mesmo tempo me suscitam a ser transgressor, como venho almejando desde as primeiras linhas deste exercício dissertativo, e que desse modo moldam meu pensar e meu agir. Tais marcas habitam meu corpo como habitam no corpo de mulheres e homens de pele preta e periféricos como eu, o que nos une pelo mesmo condicionamento, traumas e medos, em nossas semelhanças-na-diferença. Sou o homem negro periférico muitas vezes ainda visto pelo olhar preconceituoso, nesse racismo estrutural de nossa sociedade, como o estereótipo de bandido. Meu corpo, portanto, exige a liberdade de fala e o lugar que quer/quero ocupar, dentro da universidade, propondo teorizações e sensibilidades, minhas e daquele(as) de pele preta como a minha, irmanado com meus antepassados.

Esses apontamentos me propiciam pensar sobre a separação a partir, sobretudo, do *cogito* cartesiano, que hierarquiza o pensar e a existência, e que atribui àqueles que pensam desde os centros coloniais a partir da chamada razão científica e sua metodologia, aceita como forma única, de pensar e produzir conhecimento, de modo que tal premissa deixa como legado, aos assim, considerados como “outros”, um lugar de subserviência e subsistência. Porém, “a teorização fronteiriça realocaliza os limites entre o conhecimento, o conhecido e aquele que conhece, fato que, para Mignolo, justifica suas aproximações/cumplicidades com as minorias socioculturais” (MEDEIROS; NOLASCO, 2020, p. 5). Desse modo, ao desobedecer a essas premissas e pautar a reflexão aqui apresentada por meio de meu corpo carregado de vida, à semelhança das reflexões apontadas por Silviano Santiago, em sua *Fisiologia da composição*, transgriro a tais imposições. Meu corpo preto se torna assim, inconveniente frente às imposições socioculturais e políticas. Desse modo, o que visio requerer é a transgressão:

Uma poética se torna transgressora, também, por eleger, muitas vezes, um padrão estético destoante daquele apresentado pelos dominadores. Optar por um fazer poético que se opõe ao discurso do poder estabelecido é, de certa forma, assegurar o direito à fala, pois, por meio da poesia, ocupa-se um lugar vazio, fazem-se ouvir novas vozes, novos modos e conteúdos discursivos, representativos daqueles, muitas vezes, silenciados pelo poder. (EVARISTO, 2011, p. 8-9.).

Assim, na esteira de Conceição Evaristo, fica evidente a necessidade de se perseguir um discurso transgressor, bem como uma poética transgressora, que dessa

maneira se insurja frente aos padrões estéticos e políticos que são impostos, como verdades e/ou premissas universais. Tais argumentos universalizantes forçaram uma “visada binária e maniqueísta entre corpo e alma/mente, visto que essa foi usurpada pela episteme moderna e universalizada pelo racionalismo.” (MEDEIROS; NOLASCO, 2020, p. 6), de modo que evidenciam, assim, uma forma de pensar que não só opõe, como também hierarquiza corpus e corpos. Tal fato leva a pensar que “pressupor que o *corpus* tem mais importância que os corpos, sobretudo, os das diferenças coloniais, implica prezar por monotopias universalistas” (MEDEIROS; NOLASCO, 2020, p. 6). Isso ressalta a importância de se guiar por uma opção que se paute descolonialmente, num fazer poético transgressor, como o discurso transgressor a que Silviano Santiago já apontava em seu ensaio sobre o Entre-lugar do discurso latino-americano.

Desse modo o discurso transgressor, ou poética transgressora, nos serve como uma ferramenta descolonial, de desobediência epistêmica, como também verificamos no discurso erigido pelo RAP nacional, transgressor desde sua essência, e que nos serve hoje de parâmetro para pensar uma estética transgressora, pois a traz impregnada em suas letras e performances, em suas escritas carregadas de vidas, evocando os gritos de uma periferia acuada pelo poder paralelo e pelo medo das ações efetuadas pelo aparato militar do Estado (Polícia Militar, por exemplo) tais ações deixam à mostra que nesse locus a repressão por parte de um Estado autoritário ainda se faz presente, algo que preserva/perpetua a atualidade (ou, talvez, a relevância), ainda faz atual o enredo de *Em liberdade* (1981), ressalvadas as devidas proporções.

O perfil intelectual do intelectual mineiro, no balanço dos mais de 40 anos de composições ficcionais e críticas/teóricas, demonstra como se dá seu processo de criação que se configura como fisiológico, pois a este respeito, o autor confidencia: “eu acredito que só me interessam as ideias às quais eu dou meu próprio corpo.” (SANTIAGO, 2021, Online [11:00]). Desse modo, para pautar minha reflexão no processo de criação do mineiro, penso em como se dá a fisiologia da composição dele, que tenho descrito a partir de seus apontamentos como um processo transgressor e sob a égide de seu corpo e suas sensibilidades, embora, ele não se desenvolva como descolonial.

Ao assumir a diferença-na-semelhança, o autor de *Em liberdade* (1981) afirma que “a principal originalidade do ato de hospedar sua obra está no admirável potencial de *reprodutibilidade*.” (SANTIAGO, 2020, p. 19). Para o maior entendimento de tal apontamento é necessário pensar o processo de criação da obra supracitada, a qual o mineiro intitula como uma “forma-prisão” (SANTIAGO, 2020, p. 17). Tal denominação

deriva do fato de que o falso diário criado para compor a obra, traz não só a assinatura de Graciliano Ramos como também seu estilo de escrita, e o relato de acontecimentos e situações reais ocorridos nos dias em que se seguiram à sua soltura da Colônia Correccional da Ilha Grande, sendo, contudo, uma escrita ficcional do autor Silviano Santiago. O escritor mineiro se pauta, portanto, em fornecer grande quantidade de informações verídicas, “como se necessitasse construir um paralelo entre o acontecimento em si, a escrita do diário por Graciliano Ramos recém liberto da Ditadura do Estado Novo” (ROCHA, 2021, p. 76). Isso se dá graças a meses de investigação na Biblioteca Nacional, onde o intelectual mineiro estudou os jornais dos dias narrados no falso diário, além de treinar a escrita no estilo de Graciliano:

Memórias/hospedeiras e romance/hóspede se assemelham a gêmeos, embora não sejam univitelinos, ou seja, não tenham sido gerados pela mesma célula vital. Apresentam-se, no entanto, dentro do mesmo útero artístico, se guardadas pequenas e inevitáveis diferenças, digamos, empíricas, sentimentais e emocionais (SANTIAGO, 2020, p. 18).

Aqui se faz relevante ressaltar aquilo que o intelectual mineiro vem chamando de memórias hospedeiras e de romance hóspede, conforme citado. Ao tratar do processo de composição de *Em Liberdade*, ele entende que sua obra em questão “é um romance hospedado por seu autor nas *Memórias do cárcere* (1953), de Graciliano Ramos. Livro hospedado, diário íntimo, e livro hospedeiro, memórias, são ambos escritos na primeira pessoa do singular” (SANTIAGO, 2020, p. 17). Santiago ressalta que o diário íntimo, fictício, tem na obra anterior de Graciliano Ramos uma referência explicitamente expressa. Ademais, ao apresentar o falso diário como uma obra hospedada, ele reforça a ideia de que a sua criação se dá como uma continuação da obra hospedeira, as *Memórias do cárcere*, e determina, ao falar sobre os dois livros em destaque, que “ambos são, ainda que o primeiro não seja, “de” Graciliano Ramos.” (SANTIAGO, 2020, p. 17) A autoria do escritor alagoano, mesmo que no caso de *Em liberdade* seja de forma falseada, enquanto personagem criada pela ficção, reforça a filiação e a continuidade pretendidas por Santiago ao compor sua ficção. A autoria se constitui no duplo, e a intenção criativa a demarca como sendo de Graciliano:

Hospedando-se nesses textos (e este verbo – “hospedar” -, tomado da ficção machadiana para se referir a obras que se hospedam em outras que por sua vez são “generosas”, hospitaleiras – ganhará múltiplas ressonâncias ao longo do ensaio), Silviano analisa, da perspectiva do corpo, o processo de composição das *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, do seu próprio romance *Em liberdade* (um diário

apócrifo que abrange os primeiros meses de 1937, em que Graciliano sai da prisão de Ilha Grande) (KLINGER, 2021, p. 3).

A partir do trecho apostro, no qual a professora e pesquisadora da Universidade Federal Fluminense, Diana Irene Klinger, discorre sobre a questão da hospedagem suscitada por Santiago, é possível inferir que o uso dos termos hóspede e hospedeiro têm em si, uma ressonância, e ressaltam o caráter fisiológico que ele persegue. Não se trata apenas de inferência ao corpo presente na composição de sua ficção (*Em Liberdade*), mas também do modo como busca ressaltar aspectos do funcionamento e das funções orgânicas desse corpo. Assim ao refletir sobre o processo de criação literária, a qual Santiago denomina como gênese da obra literária e da criação, e o mineiro ressalta como o argumento do corpo presente na obra o expõe não como um corpo metafórico, pois este é, sim, um organismo vivo, real, dentro de sua composição.

Ao observar a capa de *Fisiologia da composição* (2020), é nítido como o autor reflete sobre o processo de criação acerca deste corpo fisiologicamente presente:

Figura 1 – Capa do livro de Silviano Santiago, *Fisiologia da Composição* (2020). Obra da capa – Antônio Obá.



Fonte - Google livros.

A imagem da capa de *Fisiologia da composição*, arrolada aqui como figura 1, é criação de Antonio Obá, artista nascido na Ceilândia, cidade-satélite de Brasília, conhecido por explorar, por meio de suas obras marcantes, as relações de influência e contradição dentro da construção social e cultural do país, como política racial, corrupção política, colonialismo e escravidão. Ele também se dedica a obras que visam à reflexão

sobre o corpo, sobretudo, o corpo negro. Sua criação para a capa da obra supracitada denota a ideia de algo embrionário, pois a figura do ovo remete à célula ou a um núcleo celular, referindo-se ao início do desenvolvimento de um corpo vivo, de modo que a imagem se faz m muito pertinente para expressar a questão fisiológica proposta na obra, o início do desenvolvimento de um corpo vivo.

Desta forma, no diálogo estabelecido entre imagem/capa e texto/formal/constituição, deve-se atentar que os processos de composição adjetivados como fisiológicos deverão ser “tomados como organismos autônomos, vivos e interdependentes; no entanto, semelhantes nos respectivos processos de invenção, e nas respectivas organizações internas” (SANTIAGO, 2020, p. 15). A menção aos corpos denota, assim, algo que o intelectual mineiro demonstra enfatizar em toda sua obra literária, ressaltando que “não é o corpo como tematizado nessas obras o que interessa e sim o corpo enquanto presença na composição” (KLINGER, 2021, p. 3). Portanto, importa a inserção desse corpo, ou de corpos, na obra literária, como um organismo vivo que o autor pode explorar, com suas vicissitudes, sensibilidades e emoções.

Considerações finais

Ao refletir a presença do corpo na obra, ressaltada por Santiago, agrego a essa o meu *bios* e meu *lócus*, que impregnam minha leitura e minha escrita; carregam também minha escrita, ou seja, influem diretamente em minha *escrevivência* transgressora. Com sensibilidades que denotam meu ser, um homem negro e periférico, que vive sob a pressão constante da força repressora do Estado, a violência de um racismo estrutural e a tentativa de ser invisibilizado e de não ter o direito a ocupar alguns lugares os quais homens e mulheres de pele preta e periféricos “não devem ocupar”. A este respeito a escritora mineira Conceição Evaristo apresenta considerações relevantes:

[A *escrevivência*] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma *escrevivência*, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha *escrevivência* e a *escrevivência* de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de *escrevivência*. (EVARISTO *apud* LIMA, 2017, s/p.).

Tal contaminação, sobre a qual Evaristo discorre para explicar a *escrevivência*, é vivida por homens e mulheres de pele negra nos vários cantos do continente americano e do mundo. Algo que eu vivo, e que o grupo Racionais MC's intitulou em uma de suas canções, como **Negro drama**. Sentimentos, traumas e o sofrimento que todo homem e mulher pretos como eu vão vivenciar em suas vidas, e são constantes nas *escrevivências* de Evaristo, e nas minhas *escrevivências* transgressoras aqui dispostas neste exercício dissertativo. Estão nos RAP's dos Racionais, do Emicida, do Djonga e de muitos outros. Esses sentimentos, são também ressaltados por Silvano Santiago em sua ficção aqui explorada, ao retratar grafias-de-vida do corpo machucado pela prisão.

A diferença como transgressão à vida e ao estilo de Graciliano Ramos — minha escrita ficcional, assinada Silvano Santiago — existe para dizer que o escritor não está “por detrás da obra”. Graciliano Ramos está NA escrita da obra, tal como Silvano (Nelson Motta me chamava de Graciliano) tenta provar por um exercício biográfico transgressor dos limites de duas propriedades reconhecidas pela lei, à vida vivida e o estilo assumido. A biografia é a dele e é também a de quem a escreve com o meu estilo a transgredir o estilo dele. (SANTIAGO. 2017, s/p).

A compreensão de uma escrita carregada de vida, e que resalto aqui, como minhas *escrevivências* transgressoras, convergem com as grafias-de-vida inferidas pelo intelectual mineiro. Como é possível observar a partir do trecho apostado, ao transgredir os limites da autoria e compor um falso diário na primeira pessoa do escritor alagoano, Silvano resalta como ele se faz também um transgressor, a exemplo do que expõe em seu ensaio a respeito do entre-lugar do discurso latino-americano. Na esteira de meu aliado mineiro, e a partir de sua evocação, me insiro, sendo também transgressor, mas ousou ir além do mesmo, ao me pautar em uma opção descolonial, como uma opção de vida. Reforço assim, que tal transgressão, como penso aqui, deve ser compreendida como um ato de “desobediência epistêmica” (MIGNOLO, 2008; 2010; 2021), e valho-me de minha escrita como grafia-de-vida. Tais grafias emergem de sensibilidades que instauram - e restauram - marcas, em meu corpo e em minha existência. Essas, me atravessam e contemplam também meu próprio ser, meu corpo preto fronteiro, impulsionado por meu pensar e por minha pesquisa, que roçam minha pele, eriçando-a, e assim me motivando a ser também transgressor, desobediente por meio de minhas *escrevivências*.

Referências

EVARISTO, Conceição. Poemas malungos: cânticos irmãos. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: “minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”. Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima. **Nexo jornal** 26 de maio de 2017. Disponível em:

<<https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%99minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>> Acesso em: out. de 2022.

KLINGER, Diana. Uma genealogia da generosidade. **BVPS - Biblioteca Virtual do Pensamento Social**. [blogbvps17/02/2021](https://blogbvps.wordpress.com/2021/02/17/uma-genealogia-da-generosidade-por-diana-klinger/). Disponível em:

<<https://blogbvps.wordpress.com/2021/02/17/uma-genealogia-da-generosidade-por-diana-klinger/>> Acesso em: out. de 2022.

MEDEIROS, Pedro H.A.; NOLASCO, Edgar César. A corpo-política das inconveniências desviantes homo-bios-culturais: por uma política das semelhanças-na-diferença a partir de Silviano Santiago. **Anais do XIV Seminário Nacional de Literatura, História e Memória e V Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-Americano**, 2020. Disponível em:

<<https://www.seminariolhm.com.br/site/simposios/02/32361.pdf>> Acesso em: out. de 2022.

ROCHA, Helder Santos. Ficção-crítica e vida literária nos romances *Em liberdade e Machado*, de Silviano Santiago, **Revista de Literatura, História e Memória**. V. 17 – N. 30 – 2021. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/rilm/article/view/27536>> Acesso em: jan. 2023.

SANTIAGO, Silviano. **Fisiologia da composição**. Gênese da obra literária e criação em Graciliano Ramos e Machado de Assis. Recife: Cepe, 2020.

SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade**: São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2022.

SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade**: uma ficção de Silviano Santiago. 5ª edição. Rio de Janeiro, Rocco, 2013.

SANTIAGO, Silvano. O feroz inquieto. Entrevista a LESSA, Carina. RIO DE JANEIRO – RJ, EDIÇÃO 201, JANEIRO DE 2017. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/o-feroz-inquieto/>> Acesso em: out. de 2022.

SANTIAGO, Silvano. Lançamento do livro “Fisiologia da Composição”, de Silvano Santiago. Companhia Editora de Pernambuco - Cepe. YouTube, transmitido ao vivo em 18 de fev. de 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/TAt0hepz0OA>> Acesso em: dez. de 2022.